

# REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO: ABORDAGENS SIGNIFICATIVAS E INTEGRADAS



## PRISCILA PUCETTI RODRIGUES KYT

Graduação em Letras e Pedagogia, pelas Universidades: Paulista e Nove de Julho (respectivamente) (2009 e 2010). Especialista em diversas áreas da Educação. Curadora Pedagógica da Escola Portal e Professora de Ensino Fundamental do Sistema Municipal de Ensino de Votorantim. É formadora de professores.

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo levar educadores a uma profunda reflexão acerca da alfabetização e destacar a importância de abordar esse processo crucial de forma significativa para o educando. Ao explorarmos as práticas pedagógicas que envolvem a aquisição da leitura e escrita, busca-se fornecer perspectivas relevantes para que os educadores possam promover um ambiente de aprendizagem enriquecedor, onde cada aluno seja protagonista de sua jornada alfabetizadora. A intenção é incentivar o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que considerem as necessidades individuais e os interesses dos estudantes, proporcionando-lhes uma experiência de aprendizado efetiva. Neste contexto, a abordagem da leitura e escrita transcende os resultados de um simples processo de representação da linguagem. Existe uma estreita associação entre a fala e a escrita, mas também são consideradas questões linguísticas mais amplas, levando em conta a criança como um ser completo e integrado, imerso em um mundo linguístico desde cedo, antes mesmo de aprender a ler e escrever convencionalmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização; Língua e Aprendizagem.

## INTRODUÇÃO: ALFABETIZAÇÃO EM DEBATE

As práticas de alfabetização têm o poder de levar o indivíduo além das concepções superficiais sobre a leitura e escrita. Em um país paradoxal como o nosso, embora muitas pessoas saibam ler e escrever, a compreensão do que é lido e escrito é frequentemente deficiente. Ser um leitor e escritor verdadeiro não se resume apenas ao ato mecânico de ler e escrever, mas sim ao domínio e prática contínua desses fundamentos.

Para alcançar esse objetivo, torna-se imprescindível empreender uma análise reflexiva sobre

esse conceito, imergindo de forma incessante no real significado da alfabetização.

A alfabetização abrange um conceito amplo, que vai além da simples decodificação das letras e palavras. Ela envolve a capacidade de compreender o mundo ao nosso redor e a sociedade em que vivemos.

Paulo Freire resume esse pensamento ao afirmar que o domínio sobre os signos linguísticos escritos pressupõe uma experiência social que precede a própria alfabetização, ou seja, a leitura do mundo é fundamental para a leitura das palavras. Com isso, fica evidente que as práticas de alfabetização não devem se limitar a métodos de memorização, mas sim promover um verdadeiro pensar sobre a escrita, levando em conta os fatores externos e internos que influenciam esse processo.

As teorias de Emília Ferreiro e Ana Teberosky são fundamentais para entender o processo de construção da base alfabética na alfabetização. Elas descrevem os níveis de hipóteses da escrita: pré-silábico, silábico sem valor sonoro, silábico com valor sonoro, silábico-alfabético e alfabético. Cada um desses níveis é significativo e possui exemplos que ilustram a evolução do processo.

Com base nas teorias dessas autoras, é possível desenvolver e aprofundar o debate sobre a alfabetização, fornecendo diretrizes valiosas para os educadores promoverem uma abordagem mais eficaz e significativa no ensino da leitura e escrita, levando em conta a progressão natural do desenvolvimento das habilidades linguísticas de cada aluno.

Ao incorporar as contribuições teóricas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, os educadores estarão mais bem preparados para auxiliar os alunos em sua jornada de aprendizagem, reconhecendo e valorizando as etapas pelas quais passam na construção da leitura e escrita. Essa abordagem mais fundamentada proporciona uma educação mais efetiva e que considera o sujeito na construção do conhecimento.

A aquisição da língua escrita é um marco crucial no desenvolvimento humano, representando a passagem da oralidade para a escrita e desempenhando um papel fundamental na comunicação e expressão de ideias. Compreender como essa transição ocorre e quais processos cognitivos estão envolvidos nesse trajeto é uma questão essencial para educadores, psicólogos, linguistas e pesquisadores interessados no estudo da alfabetização.

A teoria da psicogênese da língua escrita, desenvolvida por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, representa um arcabouço teórico fundamental para investigar e compreender o desenvolvimento da escrita na infância. Essa abordagem enfatiza a construção ativa do conhecimento pelas crianças, à medida que elas se aproximam do universo letrado e interagem com a linguagem escrita em um processo dinâmico e interativo.

Este artigo tem como propósito explorar a psicogênese da língua escrita, analisando os estágios evolutivos pelos quais as crianças passam durante sua jornada de alfabetização. Para alcançar esse objetivo, realizaremos uma revisão sistemática da literatura, examinando os principais conceitos e descobertas associados a essa teoria, e ressaltaremos a relevância dessas informações para aprimorar as práticas educacionais.

A fase de alfabetização é de extrema importância, entende-se que ao compreender o pro-

cesso evolutivo da escrita e sua construtividade, as intervenções são mais efetivas. As autoras descrevem os níveis de hipóteses da escrita, atribuindo significados específicos a cada uma dessas etapas: pré-silábico, silábico sem valor sonoro, silábico com valor sonoro, silábico-alfabético e alfabético. Serão abordados, detalhadamente, cada um desses níveis, apresentando exemplos elucidativos para enriquecer e ilustrar o debate em torno desse processo de aquisição da escrita.

No nível da hipótese de escrita pré-silábico, a criança ainda não compreende completamente a relação entre letras e sons e, portanto, utiliza muitas letras, números ou desenhos aleatórios para representar palavras. Nessa fase, a quantidade de caracteres é considerada independente das denominações, como letras, números ou palavras, e não há conexão entre os elementos utilizados para escrever. Há, nessa fase, um certo realismo entre o que se escreve (significante) e a representação escrita (o significado). É que nessa hipótese a criança acredita que para escrever “boi” necessita de muitas letras por tratar-se de um animal de grande porte e “formiguinha” precisa poucas letras, pois ela é pequenina.

FORMIGA: 8TV

BOI = AGOTAHISURHJKLAP

Portanto, nesse nível:

“... a exigência de uma quantidade mínima de caracteres é totalmente independente das denominações que a criança seja capaz de empregar, que chamem esses caracteres “letras”, “números”, “palavras” ou “coisas”, não tem importância”. (FERREIRO, 1984, p. 42)

O nível de hipótese de escrita silábica, sem valor sonoro, é caracterizado pela utilização das letras que a criança conhece, muitas vezes baseando-se em letras de seu próprio nome. Nessa fase, a criança atribui valor meramente gráfico às letras e acredita que as palavras devem ter uma quantidade mínima de três letras.

ELEFANTE = GTSU

RÃ = STU

No nível de hipótese de escrita silábica, com valor sonoro, a criança associa uma letra a cada sílaba da palavra. Nesse caso, o som mais forte para a criança é o da vogal, o que influencia a *escolha das letras na escrita das palavras*.

RAPOSA = R O Z

SAPO = A O

O nível de hipótese de escrita silábico-alfabético é marcado pela escrita de palavras com algumas letras ausentes ou ainda incompletas. Nessa fase, a criança começa a perceber que a sílaba não é uma unidade inalterável, mas sim composta por elementos menores, o que a leva a enfrentar novos desafios na compreensão do sistema de escrita. Por exemplo:

JOANINHA = JOANINA

BORBOLETA = BOBOLTA

“O período silábico-alfabético marca a transição entre os esquemas prévios em via de serem abandonados e os esquemas futuros em vias de serem construídos. Quando a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade, mas que ela é, por sua vez, reanalisável em elementos menores, ingressa no último passo da compreensão do sistema socialmente estabelecido. E, a partir daí, descobre novos problemas: pelo lado quantitativo... pelo lado qualitativo” (FERREIRO, 1984, p. 27).

Finalmente, o nível de hipótese de escrita alfabético é alcançado quando a criança é capaz de escrever palavras de acordo com as convenções da escrita solicitada, embora possam ocorrer algumas incorreções ortográficas, pois essa é uma questão que demandará atenção e aprendizado contínuo.

CASA = CAZA

Conforme a teoria da psicogênese da língua escrita, esse desenvolvimento ocorre de forma gradual, com as crianças evoluindo de uma compreensão mais limitada e baseada em concepções prévias para uma compreensão mais avançada e alinhada às regras ortográficas convencionais. A compreensão desses diferentes estágios de hipóteses de escrita é fundamental para educadores e profissionais envolvidos na alfabetização, pois permite a adoção de estratégias pedagógicas mais adequadas e eficazes para apoiar a evolução das crianças no processo de aprendizagem da escrita.

## **AMBIENTES QUE GERAM APRENDIZAGEM**

É importante citar que as crianças mudam de nível a partir da intervenção, neste processo de mediação as trocas são fundamentais, pois o saber será construído, nesta atividade mútua, acontecerão trocas (encontro dos saberes) que são essenciais. O docente deve criar um ambiente propício para tal, fazendo o processo de aquisição da escrita um processo natural e tranquilo.

Em primeiro lugar, é importante criar um ambiente acolhedor e seguro, onde os alunos sintam-se motivados e confiantes em explorar a linguagem escrita. O medo de errar ou ser corrigido de forma negativa pode inibir o interesse e a participação ativa das crianças. Portanto, os educadores devem estimular uma atmosfera de apoio e encorajamento, onde os erros sejam vistos como oportunidades de aprendizado e não como fracassos.

A diversidade de materiais também é crucial para atender às diferentes habilidades e estilos de aprendizado dos alunos. Permitir que as crianças explorem a linguagem escrita de várias formas, seja através da leitura, da escrita criativa ou do uso de recursos digitais, enriquece suas experiências e enquadra a alfabetização como um processo multidimensional.

A interação social é outro aspecto fundamental para um ambiente gerador de aprendizagem. Encorajar a colaboração e a comunicação entre os alunos estimula a troca de ideias e conhecimentos, promovendo uma construção coletiva do saber. O trabalho em grupo e as atividades colaborativas permitem que as crianças desenvolvam habilidades de comunicação e resolução de problemas, o que é essencial para o processo de alfabetização.

Além disso, é fundamental que o ambiente seja flexível e adaptável às necessidades individuais dos alunos. Cada criança possui ritmos e estilos de aprendizado distintos, e os educadores

devem estar preparados para oferecer suporte personalizado quando necessário. A criação de um ambiente inclusivo, que respeite e valorize a diversidade, permite que todas as crianças se sintam acolhidas e motivadas a participar ativamente do processo de alfabetização.

Em suma, um ambiente gerador de aprendizagem na alfabetização deve ser acolhedor, estimulante, diversificado e flexível, enfatizando o desenvolvimento integral das habilidades linguísticas dos alunos. Através desse ambiente propício, as crianças poderão vivenciar uma alfabetização significativa, que as preparará para uma vida inteira de exploração e apreciação da linguagem escrita. É papel dos educadores e instituições educacionais promoverem esse ambiente enriquecedor, valorizando o processo de aprendizado e o potencial único de cada criança.

O professor deve usar as mais diversas ferramentas para articular o ensino-aprendizagem da leitura e escrita e promover um espaço onde o aluno sinta-se motivado a aprender e sinta-se parte do processo, ou seja, sujeito da sua aprendizagem.

Devemos ter a clareza que a alfabetização um processo que não se enquadra apenas como uma atividade escolar.

A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções sociais e tem meios concretos de existência (especialmente nas concentrações urbanas). O escrito aparece para a criança, como objeto com propriedades específicas e como suporte de ações e intercâmbios sociais. Existem inúmeras amostras de inscrições nos mais variados contextos (letreiros, embalagens, tevê, roupas, periódicos etc.). Os adultos fazem anotações, lêem cartas, comentam periódicos, procuram número de telefone etc. Isto é, produzem e interpretam a escrita nos mais variados contextos. É evidente que, por si só, as presenças isoladas do objeto e das ações sociais pertinentes não transmitem conhecimento, mas ambas exercem uma influência dentro das quais isto é possível (FERREIRO, 1981, p. 43).

Não existe uma receita pronta, o educador, que é alfabetizador, deve ser mediador de saberes, vendo o aluno como único e que aprende de maneiras diferentes, o melhor e levar em consideração aquilo que ele é, mostrando um mundo da leitura e o da escrita, colocando em contato com esse universo.

## **LER ALÉM DA DECIFRAÇÃO E ESCREVER ALÉM DA REPRODUÇÃO**

A insatisfação frequente de professores reside no fato de que muitos alunos não demonstram interesse genuíno pela leitura, abordando-a meramente como uma obrigação. Além disso, é comum observar que, mesmo quando leem, muitos alunos não conseguem compreender plenamente o texto. Essa falta de interesse pela leitura pode ser atribuída, em parte, à forma como ela é apresentada aos estudantes.

Quando se ensina a escrita por meio da representação das unidades sonoras em unidades gráficas, o enfoque é predominantemente na discriminação perceptiva das unidades visuais e auditivas. Nesse processo, a criança não é levada a questionar a língua, o significado das palavras e o contexto em que são utilizadas. Essa abordagem acaba negligenciando o sentido da leitura e privilegiando apenas as semelhanças sonoras, deixando de estimular a reflexão sobre a língua.

A seleção criteriosa dos textos utilizados na alfabetização é de extrema importância. Os materiais escolhidos devem ser adequados ao nível de desenvolvimento dos alunos e devem suscitar interesse e engajamento. É nesse ponto que entra em cena o papel do professor reflexivo.

O professor reflexivo é aquele que se envolve ativamente no processo de ensino e aprendizagem, questionando suas práticas, buscando constantemente melhorias e adaptando suas estratégias de acordo com as necessidades dos alunos. Ele é capaz de selecionar os textos de forma criteriosa, escolhendo aqueles que proporcionam significado, contexto e desafios adequados para o nível de alfabetização dos estudantes.

Ao adotar uma abordagem reflexiva, o professor torna-se um mediador do processo de alfabetização, buscando conectar a leitura e a escrita ao mundo dos alunos, tornando a experiência mais relevante e significativa. Dessa forma, é possível despertar o interesse, a curiosidade e a relevância sobre o processo da leitura, conduzindo os alunos a um aprendizado mais profundo e contínuo.

É importante ressaltar que a criança, ao passar pelas diferentes etapas de aprendizado, torna-se o centro do processo, valorizando seus conhecimentos prévios, que são utilizados de forma proveitosa. Nesse contexto, a abordagem pedagógica não se limita a dizer à criança o que pensar, mas sim a conduzi-la a pensar por conta própria. O professor, embora compartilhe suas ideias, tem como principal objetivo incentivar a criança a desenvolver seu próprio pensamento e criatividade. Dessa forma, o indivíduo torna-se o sujeito de sua própria aprendizagem. O dever do professor, portanto, é educar os alunos para a sociedade e a realidade em que estão inseridos, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das reflexões apresentadas ao longo deste estudo, fica evidente que a língua é uma entidade viva, constantemente em evolução. É equivocado considerar a escrita apenas como uma mera representação da linguagem, na qual a criança simplesmente transcreve sons, sendo tratada apenas como um aparelho fonador, desprovido de reflexão e atuação ativa em nosso mundo.

Com base nessas compreensões, é inegável que o professor não é o único detentor do conhecimento, e a escrita não deve ser vista somente como um objeto escolar. Surge a necessidade de uma redefinição do papel da escola e do professor alfabetizador, que deve atuar como mediador de saberes, reconhecendo cada aluno como único e aprendendo de maneiras distintas. É essencial apresentar às crianças diversos gêneros textuais e outras formas de representação escrita, valorizando suas produções e tentativas de escrita, visto que cada passo é de suma importância em seu processo de aprendizagem.

Nesse contexto, é crucial compreender os inúmeros desafios que cercam a leitura e escrita, não apenas por seu aspecto teórico, mas, sobretudo, por meio da prática. O alto índice de analfabetismo na América Latina, como apontado por Ferreiro, revela a fragilidade dos sistemas educacionais, especialmente na esfera pública, que muitas vezes não se mostram sensíveis às dificuldades

das crianças, resultando em ineficiências para lidar com essa problemática.

Torna-se evidente, portanto, a necessidade de uma preparação mais adequada por parte das escolas e dos professores, que devem assumir o papel de pesquisadores para aprimorar suas práticas. Uma das principais preocupações é como apoiar as crianças provenientes de famílias com pais analfabetos ou semianalfabetos, que possuem pouco contato com a leitura e a escrita, a fim de evitar o fracasso escolar e oferecer perspectivas promissoras para o futuro.

Nesse sentido, é essencial não manter as crianças distantes da língua escrita, tampouco impor exercícios mecânicos que as afastem dessa língua viva, representativa de nossa história, povo e cultura. Ao invés disso, é imprescindível proporcionar-lhes momentos de aprendizado significativo e estimulante, não apenas ensinando, mas possibilitando que elas próprias se apropriem do conhecimento e se tornem sujeitos ativos em seu processo de alfabetização.

Com isso, acredita-se que a criação de um ambiente educacional acolhedor, flexível e reflexivo, onde o professor assume o papel de mediador e pesquisador, e as crianças são encorajadas a explorar a língua escrita de forma significativa e prazerosa, trará avanços significativos no campo da alfabetização, contribuindo para o desenvolvimento pleno e o sucesso acadêmico das crianças, independentemente de suas origens ou contextos familiares. A educação, assim, torna-se uma poderosa ferramenta para romper barreiras e construir um futuro promissor para todos os indivíduos, independentemente de suas circunstâncias iniciais.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, H. MICHELETTI, G. **“Teoria e prática da leitura”**. In CHIAPPINI, L. (coord. Geral). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo, Cortez, 1997, vol.2.

FERREIRO, EMILIA **vida e obras**. Disponível em [www.centrorefeducacional.com.br](http://www.centrorefeducacional.com.br) Acesso 08 nov. 2010.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. FREIRE. Paulo, **vida e obras**. Disponível em [www.projetomemoria.art.br/](http://www.projetomemoria.art.br/) Acesso 10 nov. 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1994.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, Ana, GALLART, Marta Soler e colaboradores. **Contextos de alfabetização inicial**. Porto Alegre: Artmed Editora. 2004.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.